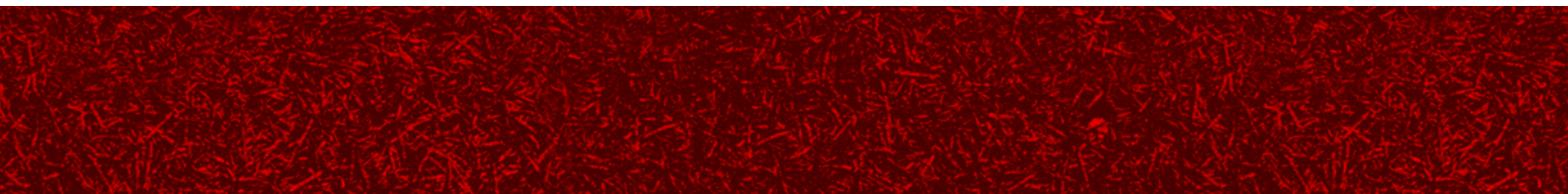


ARTIGOS



João do Rio em tradução: transposições culturais e estéticas nos contos “Emoções” e “História de gente alegre”

Mirian Ruffini¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar a tradução de narrativa curta ficcional do escritor e jornalista do início do século XX no Brasil, João do Rio. Repórter e cronista de destaque, foi também tradutor, principalmente da obra de Oscar Wilde, com o qual partilhou a opção por suas estéticas literárias, especialmente o Decadentismo. Analisam-se neste artigo as traduções dos contos “Emoções” e “História de gente alegre”, constituintes da coletânea *Dentro da Noite*, para a língua inglesa. A leitura e observação dos textos teórico-críticos de Orna Messer Levin, João Carlos Rodrigues, Rafael Lanzetti et al., Susan Bassnett e outros embasou a avaliação das traduções. Verificou-se, mesmo que de forma limitada, a transferência, em tradução, de elementos culturais, históricos e estéticos da obra de João do Rio e de seu contexto social, a *Belle époque* carioca.

Palavras-chave: João do Rio. Contos. Tradução.

João do Rio in translation: cultural and aesthetical transpositions in the short stories “Emoções” and “História de gente alegre”

Abstract: The objective of this study is to analyze the translation of short fictional narrative by the writer and journalist of the beginning of the 20th century in Brazil, João do Rio. Being an outstanding reporter and author of chronicles, he was also a translator, especially of Oscar Wilde’s works, with whom he shared the option for his literary aesthetics, mainly Decadentism. The translations to the English language of the short stories “Emoções” and “História de gente alegre”, part of the collection called *Dentro da Noite*, are analyzed in this article. Reading and observing Orna Messer Levin’s, João Carlos Rodrigues’s, Rafael Lanzetti’s et al., Susan Bassnett’s theoretical-critical texts, as well as those by others provided the basis for the translations evaluation. The transference of cultural, historical and aesthetical elements was verified in translation, though within a limited scope, having as a source João do Rio’s literary work and his social context, the *Belle époque* of Rio de Janeiro.

Key-words: João do Rio. Short stories. Translation.

1. João do Rio: estética, cultura e história

O objetivo deste estudo reside na análise da tradução de narrativa curta ficcional do escritor e jornalista do início do século XX, João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921). Foi autor de expressão,

¹ Docente de Magistério Superior na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, Departamento e Coordenação de Letras, DALET/COLET. Docente pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Letras da UTFPR - Campus Pato Branco (PPGL). Participante do Grupo de Pesquisa GELCON/CNPq. Doutora em Estudos da Tradução, Mestre em Letras e Especialista em Língua Inglesa e Literatura de Língua Inglesa. Licenciada em Letras Português-Inglês. Atua na área de Letras, principalmente nas seguintes subáreas: Tradução Literária, Estudos de Tradução, Língua Inglesa e Literatura de Língua Inglesa, Literatura Comparada.

e escreveu sobre personagens da periferia carioca, como os estivadores, os pequenos larápios e as mariposas, ou prostitutas em *A alma encantadora das ruas*. Registrou, na obra *As religiões no Rio*, entrevistas com praticantes de candomblé, padres e espiritistas, dentre outros. João do Rio era conviva dos salões aristocratas, travando diálogo com influentes empresários, artistas, políticos e damas da sociedade.

Além de ser repórter e cronista de destaque, como tradutor, verteu ao português brasileiro *Salomé* (1908), *Intenções* (1912) e *O retrato de Dorian Gray* (1919/1923), de Oscar Wilde e, após a morte de Oscar Wilde, em 1900 e sua própria morte, em 1921, João do Rio foi praticamente olvidado no século XX e talvez esse esquecimento tenha se dado, apesar do progresso material da cidade, devido ao preconceito sofrido pelo escritor. Rodrigues (2010, p. 69) relata a dificuldade do autor em adentrar os meios literários, ao mencionar que devido à sua personalidade forte e peculiar “João do Rio vive, com a sua pena, a semear ventos. Colhe, naturalmente, tempestades. Poderia uma personalidade dessas ser facilmente assimilada pelos notáveis medalhões da Academia Brasileira de Letras?”.

João do Rio escreveu, então, textos para o teatro e publicando seus contos e romances. Sobre o contexto de inspiração e produção dessa literatura, o momento era a *Belle époque*, modelada, principalmente, pelos exemplos europeus da França e da Inglaterra. Moretto relata a respeito dessas estéticas, especialmente do Decadentismo, tão vigente nas obras de Oscar Wilde e de João do Rio:

[...] o Decadentismo torna-se uma nova época primitiva quando, tendo o artista renegado seus valores atuais, está à procura de uma nova forma: daí o interesse pelos pré-rafaelitas, pelo primitivismo do *Quattrocento*, pelas tentativas do verso livre, pela sintaxe desconjuntada, pela temática popular; [...] É decadentista, ainda, o gosto pela natureza petrificada e fria dos bizantinos e dourados reflexos de outono; pela refinada maquiagem das coisas, de proveniência baudelairiana; pela estranha flora da casa de Des Esseintes; é decadentista o tema do reflexo na água, transparente ou espelhada (obras de Samain e de Régnier); o gosto pelas pedrarias (Huysmans, G. Moreau), pelos metais (*Tétralogia* de Wagner), pelos vegetais terrestres ou submarinos, que acabarão por tornar-se parte integrante da decoração *art nouveau*. (MORETTO, 1989, p. 31-32).

Percebe-se, assim, a relevância do Decadentismo para a escrita de João do Rio, visto que o autor alia esses aspectos constitutivos aos elementos provenientes da *Belle époque* carioca. Segundo Lêdo Ivo, o Rio de Janeiro valorizava o produto estrangeiro, desde a imagem e a linguagem do cinema até os modelos de comportamento, da política, e da nova urbe:

A nossa *belle époque* era toda alegria, movimento, felicidade e fino olfato. Como na expressão afortunada de Afrânio Peixoto, a sociedade sorria. Tudo ou quase tudo era decorativo: o *art déco* imperava na Arquitetura, no mobiliário, nos vestuários [...] Nas casas e ruas, nos trajes e frases, o adorno transbordava. A prosa, a poesia, os discursos parlamentares, as conferências promovidas pela Academia Brasileira de Letras, [...] – tudo se rendia à sedução do floreio e ornamental. (IVO, 2012, p. 7-8).

João do Rio utilizava esse pano de fundo para muitas de suas histórias, entretanto, adotava sua visão particular dessas estéticas e a aliava aos modelos aprendidos dos seus ídolos europeus, como de Wilde e Jean Lorrain, com um enfoque no ambiente brasileiro. Contemplava, assim, os problemas, as personagens e as temáticas muitas vezes oriundas das suas próprias reportagens, nas quais escrevia sobre fatos chocantes da vida carioca. De acordo com Dealtri (2016, p. 144):

Precisamos lembrar que João do Rio escreve para o leitor que tem diante de si a nova metrópole afrancesada. Ao se debruçar sobre o quadro vivo de promiscuidade, sujeira, algaravia, a cidade em pedra, simbolizada pela Avenida Central, mesmo fora da moldura, aparece como a vencedora. Como o leitor de Huysmans, Jean Lorrain e Oscar Wilde, João do Rio bem sabe não ser possível flunar na cidade higienizada, feita apenas para o proveito da tediosa burguesia. O elemento encantatório para João do Rio é a possibilidade de circulação pela cidade multiforme; moderna pela carga de diversidade que carrega e não pela sua homogeneidade. Essa procura não é apenas a do jornalista profissional, mas do homem que vive a velocidade de seu tempo.

Esses elementos característicos da fugacidade e da variedade no contexto social carioca se fazem presentes nos seus textos dramáticos, nos romances e, naturalmente, nas crônicas jornalísticas. Entretanto, em vista da necessária concisão deste trabalho, optamos por nos centrarmos no estudo e na análise tradutória de alguns de seus textos de narrativa curta ficcional.

2. Investigação das narrativas curtas em tradução

Para esta pesquisa, elencou-se como objeto de estudo as traduções intituladas “Emotions” e “Merry people’s tale”, realizadas pela autora desta pesquisa e ainda inédita, a partir dos contos “Emoções” e “História de gente alegre”, presentes na coletânea *Dentro da Noite*. João Carlos Rodrigues, na biografia “João do Rio: vida, paixão e obra” (2010), descreve a coletânea “Dentro da Noite” como portadora de dezoito narrativas curtas ficcionais ligadas ao decadentismo. As temáticas dos contos envol-

vem questões e polêmicas presentes no dia a dia fluminense, como assassinato, jogo e relações inusitadas entre a fidalguia e as classes menos abastadas. Proporcionam, ainda, subsídios marcantes sobre a *Belle époque* carioca, no que tange às marcas culturais da época, às informações sobre os espaços cariocas em voga e às peculiaridades da estética e do estilo de João do Rio.

Portanto, com a finalidade de empreender exame acerca da transposição desses elementos em tradução, nesta investigação, nos centramos nos seguintes objetivos: analisar trechos da tradução anotada dos contos “Emoções” e História de gente alegre”, para a língua Inglesa, com respeito à transferência de aspectos culturais, estéticos e históricos presentes nos contos; verificar os efeitos de sentido nos trechos selecionados, por meio do cotejo de componentes sintáticos, lexicais e semânticos constitutivos dos textos alvo e fonte, especialmente aqueles referentes ao estilo de João do Rio.

O enfoque desta investigação está na análise de excertos dos resultantes textos traduzidos, e das notas tradutórias e culturais. Ainda se priorizam os fenômenos e procedimentos verificáveis na observação do texto fonte de João do Rio e sua tradução para a língua inglesa. Caetano Galindo (2018, posições de 1566 a 1571 do Kindle) defende a manutenção do fio condutor da prosa na tradução de um texto fonte para um texto alvo:

[...] o objetivo do tradutor é oferecer ao leitor um texto final que lhe permita afirmar sem mentir que leu o original. Não posso mudar a trama. Não posso mudar também as possibilidades de interpretação. Pouco importa. Não cabe ao tradutor escolher se uma interpretação é relevante, definitiva ou marginal. O que deve caber a ele, nas melhores situações, é o dever de manter abertas as portas que se ofereciam ao leitor do original. Se alguém, lendo o romance X, poderia pensar que um determinado eco lexical representava um traço de união entre dois momentos distintos ou dois personagens diferentes, a tarefa do tradutor é perceber essa possibilidade e mantê-la ali. E não matar a eventualidade daquela relevância por desatenção ou decisão pessoal.

Sabemos que a correspondência total do enredo e do encadeamento semântico de uma narrativa em tradução seria provavelmente inatingível. Por se tratar a tradução de texto criativo de autoria mista, ou seja, baseada parcialmente no texto fonte e contando com as escolhas e a voz do tradutor, argumenta-se que muitas das escolhas podem não permanecer engessadas na estrutura original de um texto ficcional, por exemplo.

Entretanto, por ser um texto complexo e portador de pistas contextuais, uma tradução do livro de João do Rio pode almejar a transposição de grande parte dos elementos constitutivos da narrativa, bem como daqueles respectivos à linguagem e cultura, de forma que possa chegar ao leitor do século XXI com suas informações basilares.

Igualmente tratando sobre tradução de literatura em prosa, o texto de Susan Bassnett alerta sobre alguns cuidados:

Cada vez mais os tradutores de romances têm extremo cuidado na criação de textos em LM coerentes e inteligíveis, evitando o efeito afetado que pode resultar caso as estruturas sintáticas da LF sejam seguidas muito fielmente, mas não consideram o modo no qual as sentenças isoladamente compõem a estrutura como um todo. (2005, p. 152).

A teórica ainda ressalta a importância de se traduzirem as expressões idiomáticas, os tempos verbais e demais construções específicas de uma língua e cultura para outra de forma orgânica e que consiga transferir o sentido dessas formulações, acarretando a necessária mudança e adaptação dos segmentos nesse processo. Acreditamos que esse seja o procedimento adequado à tradução literária, especialmente aquela do nosso objeto de estudo, porquanto este emerge pleno de referências culturais e históricas.

3. Análise tradutória: espaços, cultura e estética

Nesta seção, tratamos da análise da tradução realizada com especial atenção nas opções tradutórias alusivas aos locais, aos dados culturais e às marcas das poéticas de João do Rio. As principais estratégias adotadas parecem ser a tentativa de manutenção da toponímia original do Rio de Janeiro do início do séc. XX, de léxico referente aos traços culturais e àqueles pertinentes à estética paulobarretiana.

O excerto do conto “Emoções”, no quadro 1, exemplifica algumas dessas escolhas. Verifica-se, no trecho abaixo, a presença de nome de logradouro do Rio de Janeiro da época, que ainda se mantém na atualidade. A opção tradutória foi pela manutenção do termo, por meio da predominância, nesse caso, do fenômeno da estrangeirização.

Quadro 1: Análise de excerto do conto “Emotions/Emoções”

Emoções, João do Rio	Emotions, by João do Rio
Ontem, às 6 horas da tarde, fui buscar ao clube da rua do Passeio* o velho barão Belfort, que me prometera mostrar, três dias antes, a sua cara coleção de esmaltes árabes . O barão jogava e perdia com um moço febril, que à lapela trazia um crisan-	Yesterday, at 6 o'clock in the evening, I went to collect, from the club on rua do Passeio* , the old Baron Belfort, who had promised to show me his very dear Arabian enamel collection three days before. The baron played cards and lost with a feverish

<p>temo amarelo, da cor da sua tez.</p> <p>*Rua onde se localizava à época de João do Rio e ainda se localiza o Passeio Público do Rio de Janeiro.</p>	<p>youngster, who wore a yellow chrysanthemum on his buttonhole, the same color as his complexion.</p> <p>*Street where the Public Promenade of Rio de Janeiro was located, in João do Rio's time, and where it is still situated.</p>
---	---

Fonte: A autora

No segmento acima, verifica-se a preservação do nome da rua carioca para a língua inglesa, em um procedimento de tradução descrito por Lanzetti et. al. (2009, p. 6) como empréstimo sem aclimatação. Segundo os teóricos,

A manutenção de itens lexicais do texto-fonte, também conhecida como empréstimo, ocorre quando o tradutor decide manter, no texto de chegada, um item lexical da língua-fonte. O empréstimo pode ser feito sem aclimatação ortográfica quando, por exemplo, o tradutor decide manter a palavra *feedback* no texto de chegada em português; ou com aclimatação, quando palavras estrangeiras adquirem nova forma ortográfica condizente com o sistema fonético-ortográfico da língua de chegada.

No caso do trecho traduzido, a conservação do nome da Rua do Passeio e a existência do clube, cenário da narrativa de João do Rio, nos pareceu salutar. Tal informação pode proporcionar acesso a dado histórico de relevo para o leitor brasileiro e novidade cultural para o leitor estrangeiro.

Outro item destacado nesse excerto é a menção do crisântemo amarelo na lapela do barão de Belfort. Este pode remeter às referências esteticistas-decadentistas em *Às avessas*, romance de Joris-Karl Huysmans, considerado o texto seminal das estéticas, que aparece nas mãos de Dorian Gray como um livro de capa amarela. Essas alusões aparentam ser originárias do termo *Yellow Book*, título de periódico britânico sobre literatura e arte publicado entre 1894 e 1897, o qual priorizava obras esteticistas e decadentistas. Posteriormente, o termo veio a designar livros com conteúdo licencioso ou portador dessas estéticas, que eram envoltos em papel da cor amarela, como um código estabelecido entre leitores e apreciadores das temáticas e poéticas contempladas. Assim, informa Carpeaux (2008, p. 2170):

Fundou-se o “Rhymer’s Club”. Entre os membros e simpatizantes estava o pintor decadentista Aubrey Beardsley, o crítico Arthur Symons, os poetas Ernest Dowson e Lionel Johnson, o jovem poeta irlandês Yeats. Em 1892 publicaram uma antologia, o *Book of the Rhymer’s Club*. Desde 1894, os poetas congregaram-se em torno do *Yellow Book* de Beardsley, até surgir em 1896 a revista *Savoy*.

Sabe-se também que Oscar Wilde e seus seguidores esteticistas usavam flores pintadas nas lapelas, simbolizando, atributivamente a Wilde, o esteticismo-decadentista inglês, o qual preconizava que a vida imita a arte e o ambiente artificial deve suplantar o mundo natural. Nas palavras de João do Rio, em “O figurino”, parte do volume *Psicologia Urbana*:

E contemporaneamente, se todos os artistas mostram nas descrições preocupações de elegância e de moda, pessoalmente não são senão figurinos. Oscar Wilde, o gênio só comparável a Shakespeare, passou a vida criando Figurinos, espécie de Brummel mental. O único ponto de contato entre o homem e a natureza, dizia ele, — é a **botoeira florida**. Deve-se ser uma obra de arte ou vestir uma obra de arte. (RIO, 1910, p.85-6, grifo nosso).

De tal modo, em referência a esses preceitos, o barão dândi, personagem de muitos textos de João do Rio, orgulhosamente ostenta essa flor decadentista. A ênfase na tradução foi a preservação desses termos em “who wore a yellow chrysanthemum on his buttonhole”, tradução de “que à lapela trazia um crisântemo amarelo”, como maneira de caracterizar o dandismo do barão e aproximá-lo do dândi original, Oscar Wilde. Ocorreu aqui o procedimento domesticador da transposição, que segundo Lanzetti et al. (2009, p.8), “[...] é a mudança da ordem sintática de um ou dois elementos sintáticos do texto-fonte”. Nesse caso, a transposição ocorreu pela busca da organicidade da tradução para a língua de chegada, a língua inglesa.

Por fim, no extrato analisado, destaca-se a expressão em tradução “his very dear Arabian enamel collection”, que se assemelha ao texto fonte “a sua cara coleção de esmaltes árabes”. Com respeito à manutenção da sintaxe, a realização de construção próxima à concepção de João do Rio para esse sintagma nominal se deve ao desejo de manter o exemplo de inspiração esteto-decadentista do autor. Lembrando-nos de *O retrato de Dorian Gray*, em que encontramos rica descrição de ambiência interna:

His little dinners, in the settling of which Lord Henry always assisted him, as for the exquisite taste shown in the decoration of the table, with its **subtle symphonic arrangements of exotic flowers, and embroide-**

red clothes, and antique plate of gold and silver. (WILDE, 2002, p. 89, grifos nossos).

Aqui temos os sintagmas “subtle symphonic arrangements of exotic flowers”, “embroidered clothes” e “antique plate of gold and silver”, no texto clássico de Wilde. Portanto, nossa tentativa foi de transpor o conto de João do Rio, com a preocupação da manutenção desse tipo de construções características, no caso os sintagmas descritivos dos ambientes decadentistas.

No próximo segmento escolhido, destacamos a inclusão de expressões idiomáticas e vocábulos tipicamente brasileiros no texto de João do Rio, assim como menções à unidade monetária da época, o real, ou réis, e aos jogos de azar cariocas.

Quadro 2: Análise de excertos do conto “Emotions/Emoções”

Emoções	Emotions
<p>Certa noite, meses depois, encontrei-o numa batota da rua da Ajuda*, com o fato enrugado e a gravata de lado. Correu para mim, “Foi Deus que o trouxe. Estou farto de peruar. Isto de mirone** não me serve. Empreste-me cinquenta mil réis*** para arrumar tudo no 00. Ah! está dando hoje escandalosamente. Faremos uma vaca****? Vai dar pela certa.”</p>	<p>On one night, some months later, I met him in a gambling house of Rua da Ajuda*, with his clothes creased and his tie slanting to one side. He ran up to me, “God has sent you. I am sick of watching. Being a mirone** does not suit me. Lend me fifty thousand réis*** to bet it all on 00****. Ah! It’s been a scandalously lucky number today. Let us chip in the cost of this bet? It will certainly be a winner.</p>
<p>* Antiga rua do Rio de Janeiro, foi encurtada em 1904, quando a Avenida Central foi aberta. Recebeu esse nome por ter início em frente à capela Nossa Senhora da Ajuda. Contava com comércio e muitas residências à época.</p>	<p>*Former street of Rio de Janeiro, shortened in 1904, when Avenida Central was built. It was named ajuda because of its beginning just before the Chapel Nossa Senhora da Ajuda. There were residential houses and businesses alongside the road at that time.</p>
<p>** Um observador, mero espectador do jogo.</p>	<p>** A watcher, a mere spectator of the game.</p>
<p>*** A unidade monetária do início do século XX, o Real.</p>	<p>*** The <i>Real</i> was the currency utilized at the beginning of the 20th century in Brazil. It is found in plural form in the example provided in the text.</p>

<p>****Alusão ao prêmio maior do jogo do bicho atribuído ao número 25, representando a vaca. A expressão “fazer a vaca” passou a ser utilizada quando um grupo de pessoas dividia uma despesa comum. Igualmente, representa o grupo de números terminados em 00.</p>	<p>**** The combination 00 seems to be the character’s lucky number. In addition, it may refer to a typical number combination of the so-called animal game in Brazil.</p>
--	--

Fonte: A autora

Apesar de compreender que a equivalência entre línguas e culturas é uma falácia, buscou-se aqui alguma forma de correspondência para as expressões idiomáticas, figuras de linguagem e vocábulos empregadas pelo escritor carioca do século XX. O emprego das explanações, definições ou o uso da sinonímia nos casos acima, por meio das notas de tradutor, nos parece oferecer um texto em língua inglesa com as cores, mesmo que aproximadas, da literatura paulobarretiana.

Sendo esta uma tradução comentada por meio de notas explicativas, menciona-se Gerard Genette, com respeito ao uso desses paratextos “Uma nota é um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto, seja em frente seja como referência, a esse segmento” (GENETTE, 2009, p. 281).

Creemos constituírem essas notas espaços apropriados para que o tradutor assinalasse suas opções tradutórias, suas explicações a respeito do léxico, sintaxe, expressões idiomáticas, imagens e outros elementos contemplados por uma obra literária traduzida. Muito provavelmente, sem esse peritexto editorial, os significados dos textos e as motivações do tradutor seriam de difícil recuperação. Nessa ocorrência específica, as notas acrescentam as necessárias elucidações históricas, culturais e linguísticas para o leitor da atualidade.

A preservação do nome da Rua da Ajuda e a inserção sobre sua formação, por exemplo, apresentam ao leitor de ambas as línguas um passeio histórico pelo centro da capital carioca. A mudança de configuração da via, assim como do tipo de construções presentes e de público frequentador, reflete as alterações realizadas na urbanização do Rio de Janeiro da época, com a finalidade da abertura da Avenida Central. Orna Messer Levin (1996, p. 22) relata esses fatos:

É neste momento alto das mudanças urbanísticas que a abertura do eixo da Avenida Central (1904) fazia coincidir a desapropriação dos cortiços com a desagregação da boemia dourada da Rua do Ouvidor, atingindo dessa maneira também a vida intelectual da cidade. Ao acabar com as pensões baratas e com os cafés do centro, o processo intensivo de renovação das fachadas ia ditando um estilo “Art Nouveau” para a pai-

sagem ao mesmo tempo em que desfazia os agrupamentos boêmios tão comuns no período das discussões abolicionistas e republicanas.

Nesse conto, João do Rio ressalta que a rua oferece casas de jogos, numa das quais se encontrava o personagem Praxedes, em condição de vício e decadência. Recordando que os *flâneur* de Baudelaire, de Huysmans e de Oscar Wilde frequentam as ruas e os locais menos recomendados em suas obras, vemos o barão de Belfort, de João do Rio, em visita aos antros das jogatinas cariocas.

Enfim, o fragmento inclui termos ligados ao campo lexical ou semântico do jogo e do dinheiro. Visto que o conto aborda a queda da personagem devido ao seu vício nos jogos e à perda de grande numerário, João do Rio coloca essa faceta da sociedade em evidência nessa narrativa. Praxedes não se contenta em ser um espectador da jogatina, um mirone, nas palavras do autor, e menciona a moeda da época, o real, ou réis, os números de sorte da roleta, e a expressão “fazer uma vaca”, ligada ao jogo do bicho ou dos animais. A elucidação para o leitor estrangeiro, nas notas de tradução acima destacadas no quadro 2, provê dados adicionais sobre esse jogo, sobre os termos e expressões monetárias. Tal estratégia, segundo Lanzetti et al. (2009, p. 18), constitui o procedimento da explicação:

[...] é utilizado quando o tradutor acrescenta, no texto-alvo, um aposto elucidando a composição ou função de um determinado elemento da cultura a que pertence o texto-fonte. A explicação pode vir entre parênteses ou entre vírgulas (explicação intratextual), ou em nota de rodapé, nota do tradutor (NdT), nota de fim de livro ou no prefácio (explicação paratextual).

Finalmente, o último trecho selecionado para esta análise apresenta grande número de galicismos e anglicismos no texto fonte de João do Rio, a maioria dos quais foi mantida na tradução para a língua inglesa, marcando o estilo do autor. Igualmente, percebe-se que o segmento conta com frases longas e de pouca pontuação ou transição. Sobre essa marca do estilo de João do Rio, Rodrigues (2010, p. 33) a ressalta quando aborda crônicas literárias escritas pelo autor: “Há muitas citações (Comte, Wilde, Verlaine, Byron, Guerra Junqueiro), nem sempre as frases se sucedem sem atropelo, e a pontuação vez por outra prejudica o entendimento, ao invés de ajudar”.

Além disso, mais uma vez, encontramos o uso da descrição detalhada do ambiente, da sua rica decoração, além de longos sintagmas nominais, em que se encontram os substantivos precedidos de abundante adjetivação, traço característico da escrita de João do Rio. Desejou-se manter esses aspectos na tradução ao inglês.

Quadro 3: Excertos do conto “História de gente alegre/Merry people’s tale”

História de gente alegre	Merry people’s tale
<p>Mas a noite já estendia o seu negro brocado picado de estrelas e no <i>plein-air</i> do terraço começavam a chegar os <i>smart-diners</i>. Que curioso aspecto! Havia franceses condecorados, de gestos vulgares, ingleses de smoking e parasita à lapela, americanos de casaca e também de brim branco com sapatos de jogar o <i>foot-ball</i> e o <i>lawn-tenis</i>, os elegantes cariocas com risos artificiais, risos postiços, gestos a contragosto do corpo, todos bonecos vítimas da diversão <i>chantecler</i>; os <i>noceurs</i> habituais, e os <i>michés</i> ricos ou jogadores, cuja primeira refeição deve ser o jantar, e que apareciam de olheiras, a voz pastosa, pensando no <i>bac-chemin-de-fer</i>, no 9 de cara e nos pedidos do último <i>béguin</i>. O prédio, mais uma “<i>vila</i>” da bacia do Mediterrâneo, ardia na noite serena, parecia a miragem dos astros do alto; as toalhas brancas, os cristais, os baldes de <i>christofle</i> tinham reflexos. Por sobre as mesas corria como uma farândola fantasista de pequenas velas com <i>capuchons</i> coloridos, e vinha de cima uma valsa lânguida, uma dessas valsas de lento enebriar, que adejam vôos de mariposas e têm fermatas que parecem espasmos.</p>	<p>Nevertheless, the night already outstretched its black brocade of stars and, in the <i>plain-air</i> of the terrace, the smart-diners began to arrive. What peculiar features! There were decorated French men, Englishmen in tuxedos and flowers in their buttonholes. There were Americans in dress jackets and others in white denim with football and lawn-tennis boots, smart-looking cariocas with artificial laughs, false smiles, their gestures being contrary to their bodies’ wishes. All of them were puppets, as somehow the victims of <i>chantecler</i> fun, - frequent <i>noceurs</i>, and rich or gambling <i>michés</i>, whose first daily meal is dinner, and who appeared with dark circles under their eyes, sounding their gruff voices, while they were thinking about the <i>bac-chemin-de-fer</i>; about getting 9 straightaway, and, at the same time, the last <i>béguin</i>’s requests. The building, one more “<i>villa</i>” on the Mediterranean bay, shone brightly on the peaceful night, seeming to be the mirage of the stars high above. White tablecloths, crystals, and <i>christofle</i> buckets gave out their own reflections. Over the tables they moved like a whimsical farandole of little candles with colourful <i>capuchons</i>, and from above, there came a languid waltz, one of those waltzes of slow inebriation, which flutter like moths flying and produce fermatas like spasms.</p>

Fonte: A autora.

Sobre o clube onde se passa a trama do específico conto, Orna Messer Levin (1996, p. 25) cita a fala de Brito Broca sobre a existência de tais lugares de convivência da burguesia na *Belle époque* carioca:

Na verdade, à medida que decaía a boemia dos cafés surgia uma fauna inteiramente nova de requintados, de dândis e *raffinês*, com afetações de elegância, num círculo mundano, em que a literatura era cultivada como um luxo semelhante àqueles objetos complicados, aos paraventos japoneses do *art nouveau*. [...]em substituição às mesas de cafés, os clubes e salões chiques, onde imperava o esnobismo e se aconselhava o último livro de D'Annunzio à grande dama que não suportava Paul Bourget.

Observam-se, no segmento exposto da narrativa, a presença de tal local refinado e dos frequentadores da burguesia carioca. Quanto à linguagem, verifica-se relevante ilustração das estratégias descritivas de João do Rio, com abundante adjetivação, como por exemplo, no caso da tradução e do texto fonte de João do Rio em “like a whimsical farandole of little candles with colorful capuchons/como uma farândola fantasista de pequenas velas com capuchons coloridos”.

No que concerne à riqueza e sofisticação lexical, texto fonte e tradução parecem obter tais efeitos por meio dos anglicismos, galicismos, elaboração de vocábulos e arcaísmos naturais do início do século XX. Exemplos desses são “the victims of chantecler fun, - frequent noceurs, and rich or gambling michés/vítimas da diversão chantecler, os noceurs habituais e os michés ricos ou jogadores”.

Ainda, vemos na seleção a seguir, da tradução e do texto fonte, o exemplo de longo trecho de subordinação de frase que conta com subcamadas de adjetivação e construção verbal: “and rich or gambling michés, whose first meal is dinner, and who appeared with dark circles under their eyes, sounding their gruff voices, while they were thinking about the bac-chemin-de-fer, about getting 9 straightaway and, at the same time, the last béguin’s requests./ e os michés ricos ou jogadores, cuja primeira refeição deve ser o jantar, e que apareciam de olheiras, a voz pastosa, pensando no bac-chemin-de-fer, no 9 de cara e nos pedidos do último béguin.”

A respeito da manutenção do estilo na atividade tradutória literária, ainda podemos citar o teórico e tradutor Paulo Henriques Britto:

[...] o tradutor literário não pode se limitar a traduzir o sentido geral do texto, porém que precisa reproduzir também as características do estilo do autor. [...] Que características do original — por exemplo, um texto de ficção — teriam de ser recriadas? O problema inicial é determi-

nar quais dessas características se devem à natureza do idioma e quais podem ser consideradas marcas específicas do estilo do autor. (2017, posições de 863 a 868 do Kindle).

Dessa forma, corrobora-se a relevância da transferência igualmente das marcas estilísticas de um escritor em tradução. O texto por nós traduzido e analisado objetivou realizar passagens nesse sentido, preocupando-se, quiçá, com os elementos estilísticos da escrita paulobarretiana.

4. Considerações Finais

Neste breve estudo, analisaram-se excertos de nossas traduções intituladas “Emotions” e “Merry people’s tales”, dos contos “Emoções” e “Histórias de gente alegre”, de João do Rio, escritor carioca do final do século XIX e início do século XX. Com enfoque nas estéticas paulobarretianas, o decadentismo e o esteticismo, buscou-se cotejar as formas tradutórias dos elementos referentes a esses elementos.

Da mesma maneira, salientou-se a transposição das escolhas vocabulares do escritor, com referência aos itens lexicais da cidade carioca e das formas de expressão de sua população. Enfim, avaliaram-se as opções tradutórias exemplares do estilo, da riqueza e sofisticação vocabular do autor, nos segmentos escolhidos.

Verificou-se a presença de termos provenientes dos registros da sociedade carioca da época do autor. Ao mesmo tempo, encontraram-se traços típicos da escrita paulobarretiana na tradução, como as longas frases e períodos com pouca pontuação, o uso de estrangeirismos, e a linguagem predominantemente descritiva, junto a outros elementos constitutivos da narrativa, denotando a preservação do estilo do escritor.

Como alertam José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011, p. 218) sobre os desafios dessa atividade investigativa: “Seria ingenuidade, entretanto, pensar que uma análise exaustiva de todo problema textual é viável. Temos, portanto, que seguir uma certa sequência em nossas investigações”. Desse modo, em vista dos limites de extensão deste artigo, o enfoque no relato a respeito dos elementos microtextuais abarcados nos pareceu adequado. Para análises futuras, outras abordagens serão necessárias, de forma a contemplar, mesmo que dentro de seu escopo, a riqueza da obra paulobarretiana em tradução.

REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu, Paula Azambuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre - RS: UFRGS Editora, 2005.
- BRITTO, Paulo H. *A tradução literária*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. v 4. Brasília: Edições do Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- DEALTRY, Giovanna. “Se não fosse eu, o sr. não escrevia tanto”: territórios e vozes marginais na crônica de João do Rio. In: Negreiros, Carmem; Oliveira, Fátima; Gens, Rosa (Orgs). *Belle époque: crítica, arte e cultura / Organização de Carmem Negreiros, Fátima Oliveira e Rosa Gens* – Rio de Janeiro: LABELLE; São Paulo: Intermeios, Faperj, 2016.
- DO RIO, João (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto). *Psicologia urbana*. Rio de Janeiro: H. Garnier & C, 1911.
- DO RIO, João. (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto). *Dentro da noite*. Fundação Biblioteca Nacional. Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: s/d.
- GALINDO, Caetano W. Tradução & ficção. In: Amorim, Lauro Maia; Rodrigues, Cristina Carneiro; Stupiello, Érika Nogueira de Andrade. *Tradução & perspectivas teóricas e práticas*. SciELO - Editora UNESP. Edição do Kindle. 2018. Não paginado.
- GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GUERINI, Andrea; TORRES, Marie-Helene Catherine; COSTA Walter (orgs.). *Literatura & tradução: textos selecionados de Jose Lambert* – Rio de Janeiro : 7Letras, 2011. 222p. : 21 cm.
- IVO, Lêdo. *João do Rio* – Cadeira 26, ocupante 2, 2ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012. Série Essencial - O Rio civiliza-se.
- LANZETTI, Rafael; BESSA, Danielle; GUEDES, Fabiana; DE FREITAS, Rosana e DE MOURA, Vinicius Cruz. Procedimentos técnicos de tradução – Uma proposta de reformulação. *Revista do ISAT* nº 7, São Gonçalo: 2009.
- LEVIN, Orna Messer. *As figurações do Dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MASSAUD, Moisés. *A criação literária: prosa I*. 20ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MORETTO, Fulvia M. L. *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: 2010.
- WILDE, Oscar. *The complete illustrated stories, plays and poems*. Londres: Chancellor Press, 2002.